

O BRINCAR NA INFÂNCIA



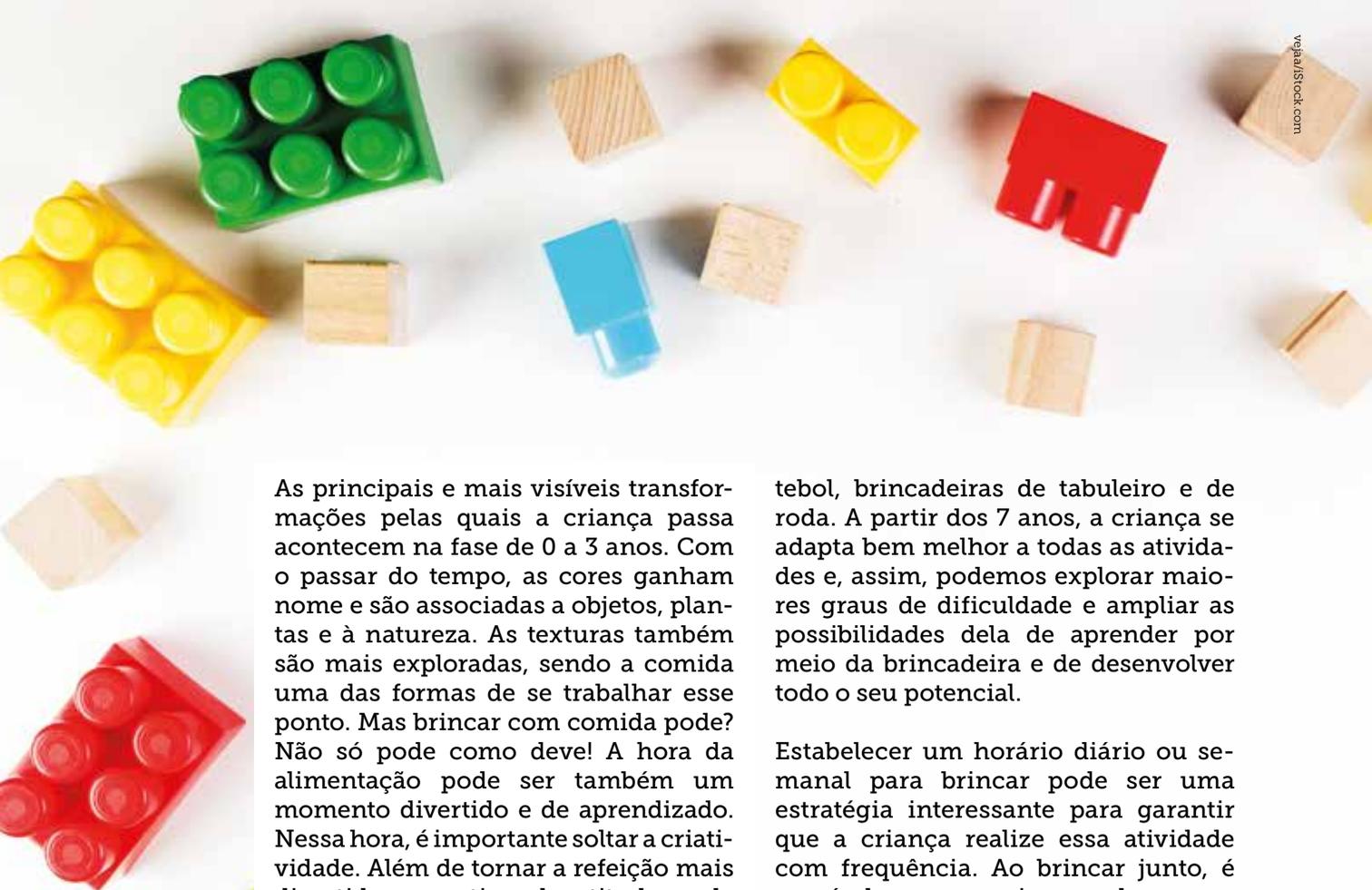
Cláudia Martins
Pedagoga, pós-
-graduada em
Tecnologias na
Aprendizagem.
Assistente pedagógica
do Portal Linha Direta

Colaboração:
Rosemary Miranda
Pedagoga e
psicopedagoga

Sabrina Crespo
Graduada em
Letras. Professora da
Educação Infantil

Algo comum a qualquer criança é a necessidade da brincadeira. Segundo estudiosos de diferentes áreas, o brincar tem seu devido valor, sendo fundamental para garantir o desenvolvimento emocional, psíquico e motor das crianças. Alinhada a esses estudos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assegura seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, dentre os quais, justamente, o direito de brincar. Fundamentais já na primeira infância, as brincadeiras simples, como fazer caretas e mostrar objetos de diferentes cores e texturas, estimulam os sentidos e a memória a longo prazo.

O som da voz das pessoas próximas à criança é o mais conhecido por elas e lhes traz segurança e acolhimento. Por isso mesmo, é importante que os pais sempre tenham disponibilidade para conversar, cantar e ler com seus filhos. A criança que, desde pequena, tem a voz dos seus pais ativa em sua memória, cresce sentindo que tem apoio, busca a interação e explora o mundo sabendo que pode correr feliz porque, se cair, vai levantar sem precisar olhar para trás, pois sua estabilidade emocional está equilibrada, e sua autoconfiança também. Quando aprende a andar, sua principal diversão é explorar as novas habilidades adquiridas. Toda atividade que envolva movimento é agradável e muito importante para que ela trabalhe sua coordenação, seus reflexos e força. Esses benefícios só acontecem em um cenário de interação, que difere da ação pura e simples de oferecer brinquedos diversos e encantadores para a criança.



As principais e mais visíveis transformações pelas quais a criança passa acontecem na fase de 0 a 3 anos. Com o passar do tempo, as cores ganham nome e são associadas a objetos, plantas e à natureza. As texturas também são mais exploradas, sendo a comida uma das formas de se trabalhar esse ponto. Mas brincar com comida pode? Não só pode como deve! A hora da alimentação pode ser também um momento divertido e de aprendizado. Nessa hora, é importante soltar a criatividade. Além de tornar a refeição mais divertida, esse tipo de atitude pode estimular a criança a provar novos sabores, contribuindo para que ela tenha uma alimentação mais saudável.

Já os sons passam a ganhar um complemento: o movimento. Nessa fase, as crianças costumam ter suas preferências musicais, e aprendem facilmente as coreografias das músicas de que mais gostam. Estimular a criança a cantar e a dançar irá contribuir para o seu desenvolvimento motor, para a sua noção de lateralidade e para o aumento de seu vocabulário, além, é claro, de ser um momento de descontração.

O faz de conta aparece logo em seguida. Dos 3 aos 4 anos, é comum que as crianças queiram brincar de casinha, escolinha e tudo que retrate a realidade que elas vivem nos espaços que mais frequentam. Entre 5 e 6 anos, as brincadeiras podem ser de representação, de movimento para fortalecimento da coordenação motora e atividades coletivas que desenvolvem a interação e fortalecem os vínculos familiares, como, por exemplo, musicalização, fu-

tebol, brincadeiras de tabuleiro e de roda. A partir dos 7 anos, a criança se adapta bem melhor a todas as atividades e, assim, podemos explorar maiores graus de dificuldade e ampliar as possibilidades dela de aprender por meio da brincadeira e de desenvolver todo o seu potencial.

Estabelecer um horário diário ou semanal para brincar pode ser uma estratégia interessante para garantir que a criança realize essa atividade com frequência. Ao brincar junto, é possível que os pais percebam, por meio da forma como a criança se expressa na brincadeira, vulnerabilidades e pontos fortes. Sendo assim, é preciso não apenas estar ao lado enquanto a criança brinca, mas participar da brincadeira. Algo importante a se observar são os jogos eletrônicos. Esse tipo de atividade faz parte da vida da geração atual, e muitos games têm finalidade pedagógica. Mas o acompanhamento e a limitação do uso de dispositivos tecnológicos são fundamentais para se manter um uso dentro dos limites do equilíbrio.

Por fim, é preciso dar mais ênfase à brincadeira que ao brinquedo. Em muitos casos, inventar um brinquedo com materiais que a família tem em casa pode ser tão divertido quanto, ou até melhor, do que usar brinquedos que a criança já possui, pois, nesse trabalho, ela se sente parte do processo de construção e, assim, valoriza seu esforço e, conseqüentemente, o brinquedo. ■

www.linhadireta.com.br